

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva

mandacaru e outros devaneios terrenos

Caroline Petersen

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, como requisito parcial para obtenção de grau de Especialista em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora: Oriana Holsbach Hadler

Porto Alegre

2021

dedico

àquelas que cuidam e com-fiam outros mundos

agradeço

à ufrgs, sobretudo à coordenação do programa de residência em saúde mental coletiva, por me receber e oferecer a oportunidade de viver a experiência radicalmente transformadora de ser passagem como residente nos últimos dois anos.

aos encontros e laços que esta travessia proporcionou, aos colegas residentes, tutoras, preceptoras, trabalhadoras, equipes, comunidades, que foram amparo, desafio e espaço para que eu pudesse sentir na pele o vir a ser corpo caravana.

aos usuários do sistema único de saúde, principalmente aos adolescentes, às crianças e suas famílias, por confiarem a mim suas histórias memórias, por darem sentido e alento ao trabalho e aos dias secos.

àqueles que são carne e raízes compartilhadas, território manancial de vida, amor e cuidado, obrigada, mãe, pai e irmão por me mostrarem o que é ser parte e partilha, por oferecerem ao meu corpo terra viva para que eu pudesse me tornar quem sou e quem posso vir a ser.

aos amigos que foram fonte de fôlego, afeto e alívio. à jamily por construir morada, fortaleza delicada, em meio a tempos tão nefastos. a wesley, presente precioso que da RIS transbordou para vida, obrigada por acompanhar e apostar no desenrolar dessa caminhada escrita. à gabriela pela imensidão do que fomos, pelas correntezas do que somos e pela suave força comovedora do que ainda nos tornaremos juntas. vocês são terra molhada, nascente e cascata sobre o chão seco do impossível.

a gabriel, obrigada pela aventura de amar e pela coragem de partilhar seu coração arteiro.

à patricia, por criar elo que foi suporte pelos descaminhos cotidianos deste ano movediço, obrigada pela entrega singela e pela força propulsora desse encontro.

à oriana, por acreditar e nutrir de perto o processo de construção destes devaneios, pela leveza e suavidade de sua presença sensível, pelos encontros envoltos de palavras sementes sorridentes, obrigada pela guiança alegre e confiante por este terreno movente da escrita.

*Não se deixa para trás o que está por todo o lado,
mas também não se pode aceitar que o que está
por todo lado estará para sempre aqui. Se o
futuro está para ser moldado, e o presente é
colapso, aprender a desesperar é a condição da
esperança, e esgotar o que existe é a condição de
abertura dos portões do impossível*

Jota Mombaça

Resumo

O objetivo do presente ensaio é versar e fazer verter significantes, sensações, imagens, texturas, que visem contribuir para fecundar reflexões sensíveis acerca do cuidado em saúde mental coletiva a partir da minha experiência como residente em dois Centros de Atenção Psicossocial InfantoJuvenil (CAPSij). Através da partilha deste rastro falante, pretendo promover escutas sobre o fazer cotidiano presente nesses espaços em meio ao atual contexto político, do qual emerge severa aridez e desamparo. Para isso, ao longo do trabalho serão apresentados três devaneios: no primeiro, chamado *território terreno terra*, busco situar o leitor sobre o solo que macro socialmente compartilhamos e sobre ele lanço a inquietação que se desdobra e atravessa todo este ensaio: o que brota da terra seca? Nos dois devaneios seguintes percorro duas das corporeidades experimentadas ao longo desta travessia na tentativa de rastrear os efeitos da aridez sobre os corpos que habitam cotidianamente as terras arrasadas das esferas públicas de saúde pelas quais passei. A partir do segundo devaneio, *corpo espinhoso*, adentramos a vivência do trabalho em saúde mental coletiva em seu devir defensivo, solitário e exaurido produzindo a imagem-miragem do espinho como saber da experiência que nasce pela condição de estar aberto à precariedade do mundo e ser atravessado por ela. Já no último devaneio, encontramos a imagem-miragem do *corpo caravana* que, ao transformar sofrimento e silêncio em experiência e linguagem, torce o vivido individualizado em partilha e força coletiva. Esse movimento produzido pelo *corpo caravana* faz brotar da pele ressecada, algo além do cansaço e do espinho. Os dois escritos que encerram o ensaio, *exercícios de fertilização* e *a t r a v e r s a r*, procuram lançar palavras sementes de amparo ao apontar para a potência de nossa força imaginativa-inventiva. Através da ficção como estratégia de resistência e brotamento de outros mundos (im)possíveis, o corpo desabrocha. E na carne espinhosa do mandacaru faz nascer a flor da chuva.

Sumário

criar corpo que faz do que viveu palavra e partilha	7
o que brota da terra seca?	8
<i>primeiro devaneio - território terreno terra</i>	11
tempestades de areia	12
quais os efeitos da aridez sobre o corpo?	14
a última gota	15
<i>segundo devaneio - corpo espinhoso</i>	20
<i>terceiro devaneio - corpo caravana</i>	32
exercícios de fertilização	37
a t r a v e r s a r	41

criar corpo que faz do que viveu palavra e partilha

Do inascido, do incriado, do descomeço

criar corpo que conta.

Criar corpo que faz do que viveu palavra.

Criar corpo que procura entre as tramas da memória

algum fio condutor.

Algo que aponte, mostre, indique um caminho.

Criar um corpo que nesse processo perceba

que a busca não é em vão,

mas que no fundo não há

fio, linha ou traço

que oriente a direção,

pois a experiência vivida

insiste em seguir nascendo

a cada exercício de rememoração

Mas quem é esse corpo que fala?

Que narra sobre suas andanças

pelos sinuosos caminhos, sertões, desertos

da saúde mental coletiva?

Que sonhos, que marca-dores carrega?

Por onde passa?

Como se move no mundo?

Quais seus anseios mais profundos?

Em que casa faz morada, em qual canto habita?

Quais encontros lhe reserva a travessia?

o que brota da terra seca?

A fragilidade crônica do estado democrático brasileiro ao longo do século passado se desdobra no presente e avança sobre o campo das políticas públicas de forma insistente. O cenário que experimentamos hoje, principalmente no que corresponde à equidade na garantia de direitos das pessoas, não é o que poderia ser considerado fértil. Bem pelo contrário, o contexto político que nos cerca é palco de perseguição das diferenças e constante abolição da vida. Se sobrepondo a essa complexa conjuntura sócio-política, ao longo deste ano ainda nos vimos de cara com o absurdo ao vivenciarmos uma pandemia que trouxe devastadoras consequências e desertou a esfera pública.

A pergunta que atravessa esse trabalho nasce da inquietação de um corpo que se sente exatamente nesse campo de terra arrasada. Um corpo que sente, frequentemente, os olhos secarem diante do desmonte, da precarização, do corte de gastos que atacam e assolam diretamente a saúde e a educação públicas¹. Um corpo que duvida do possível quando percebe a boca e a pele rachadas ao se deparar com o fogo² que avança sobre biomas e dizima a diversidade da vida. Um corpo que, em meio aos dias, se percebe sem fôlego para seguir a travessia.

Mas o corpo que diz “eu não aguento mais” não é, segundo Lapoujade, “o signo de uma fraqueza da potência, mas exprime, ao contrário, a potência de resistir.”³ Para o autor, “cair, ficar deitado, bambolear, rastejar” são considerados atos de resistência. É justamente ao se sentir esgotado diante desse cenário árido de desvalorização e extinção da vida que meu corpo sente na pele a secura de um campo de trabalho que acolhe e acompanha pessoas e seus sofrimentos e num ímpeto de resistência pergunta, como quem busca um meio de escapar e seguir

¹Sobre o retrocesso que representa a Emenda Constitucional 95/2016, conhecida como PEC da Morte, que congela os investimentos em saúde e educação até 2036, ver artigo de Moretti (2018) disponível em: <https://brasildebate.com.br/efeitos-da-ec-95-uma-perda-bilionaria-para-o-sus-em-2019/>

²Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), as queimadas na região do Pantanal brasileiro aumentaram 210% em 2020, quando comparado ao mesmo período do ano de 2019.

³Lapoujade (2002)

vivendo: o que nasce da terra seca? O que pode vir a brotar por entre as rachaduras desse terreno arenoso? É possível que este contexto árido ofereça condições mínimas para produção de cuidado, saúde e vida? Como vivificar uma terra que secou?

Essas são inquietações e incômodos que convocam a tessitura da presente escrita. Essas são algumas das sensações que atravessaram e marcaram a minha experiência enquanto residente de saúde mental coletiva. Quero destacar que a experiência é considerada aqui um imprescindível marcador conceitual, mas sobretudo, condição necessária para seguir existindo, insistindo e se relacionando com a vida de forma criadora e criativa. A experiência, para um corpo que, apesar dos espinhos⁴, se coloca aberto para ser tocado pelo que lhe acontece, aparece como aliada, como forma de não desistir e fazer brotar da terra rachada, a flor da chuva⁵. Através da experiência e do saber da experiência⁶, busco explorar, rastrear e fazer verter significantes dessas inquietações ao partilhar o sensível que atravessa minha trajetória como residente de saúde mental coletiva.

O meio escolhido para adentrar e colocar em palavras esse campo vivido é a produção/criação de contranarrativas nômades, recortes figurativos, analogias, territórios semióticos⁷ que pretendem provocar algum tipo de desvio, uma espécie de caminho alternativo. Isso porque, assim como Larrosa, sigo acreditando no poder das palavras em criar realidades e produzir sentidos de vida. Na força que elas oferecem para recontar o passado e reinventar outros futuros possíveis. Esse ensaio, enquanto experiência narrativa de partilha, pretende fazer brotar o que muitas vezes não encontra lugar para ser dito ou imaginado no dia a dia.

Ao longo dos últimos dois anos tive a oportunidade de compartilhar com diferentes espaços voltados para produção de cuidado como psicóloga e residente de saúde mental coletiva. Dois desses serviços foram Centros de Atenção

⁴Imagem-miragem desenvolvida adiante.

⁵Idem

⁶Jorge Larrosa (2002)

⁷Silier Borges (2015)

Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij)⁸ e é sobre este terreno e suas trilhas que deixarei estes rastros escritos. O exercício de fertilizar o campo árido onde a rede pública de saúde mental direcionada a crianças e adolescentes está inserida, no qual o “silêncio e as dúvidas, muitas vezes, são mais comuns do que as palavras”⁹, é um dos desafios dessa escrita. E é justamente através do encantamento¹⁰ e da potência inventiva das palavras aqui semeadas que este contra-feitiço escrito será lançado.

Ao longo do trabalho serão apresentados três devaneios: no primeiro, chamado *território terreno terra*, busco situar o leitor sobre o solo que macro socialmente compartilhamos nos dias de hoje e do qual emerge severa aridez e deamparo. A partir do segundo devaneio, *corpo espinhoso*, adentramos a vivência do trabalho em saúde mental coletiva em seu devir defensivo, solitário e exaurido produzindo a imagem-miragem do espinho como saber da experiência que nasce pela condição de estar aberto à precariedade do mundo e ser atravessado por ela.

Já no último devaneio, encontramos a imagem-miragem do *corpo caravana* que, ao transformar sofrimento e silêncio em experiência e linguagem, torce o vivido individualizado em partilha e força coletiva. Esse movimento produzido pelo *corpo caravana* faz brotar da pele ressecada, algo além do cansaço e do espinho. Os dois escritos que encerram o ensaio, exercícios de fertilização e *a t r a v e r s a r*, procuram lançar palavras sementes de amparo ao apontar para a potência de nossa força imaginativa-inventiva. Através da ficção como estratégia de resistência e brotamento de outros mundos (im)possíveis, o corpo desabrocha. E na carne espinhosa do mandacaru faz nascer a flor da chuva.

⁸A terminologia oficial é CAPSi, no entanto encontrei algumas trabalhadoras que utilizavam o “J” na sigla como expressão ético-política para demarcar a presença das juventudes, que historicamente experimentam um apagamento nas políticas infanto juvenis e, por isso, usarei CAPSij ao longo do trabalho.

⁹Pego essa imagem emprestada de Ariana Nuala (2020).

¹⁰Encantamento como experiência ética-estética-política de criação e recriação de mundos. Eduardo Oliveira (2007), em “Semiótica do Encantamento”, atribui a fabricação de conceito como uma tarefa da filosofia, enquanto que a sua finalidade é encantar.

primeiro devaneio

território terreno terra

tempestades de areia

Sob nossos calcanhares um Brasil rachado e terras que seguem sendo vendidas à vista ou aos prazos e prazeres de interesses privados. Podemos dizer que desde 2016 o cenário político brasileiro vem nos golpeando com retrocessos de todas as ordens, o que pode ser mais facilmente identificado em setores como educação, cultura, seguridade e assistência social, meio ambiente e saúde. Mas um importante aspecto, que envolve esse duro contexto brasileiro e o torna ainda mais complexo, é o fato de que nossa experiência - por mais singular que seja - não está de forma alguma isolada de uma tendência mundial, que Christian Laval chama de momento hiperautoritário do neoliberalismo¹¹.

Se em 2017 já dava pra sentir o hálito azedo de 64¹², no ano seguinte vimos a frágil democracia brasileira regurgitar diante da intensificação de um processo de bolsonarização da esfera pública que vem acelerando uma certa decomposição política do país. Conforme Esther Solano¹³, um dos elementos centrais desse processo é justamente a difusão da racionalidade ultraliberal ou neoliberal, na qual a democracia é percebida como um mero acessório absolutamente prescindível. Isso quer dizer que há uma fundamental incompatibilidade entre a racionalidade ultraliberal e um regime de direitos que se faça inclusivo e sustente uma democracia de mínimos.

Afirmar que a democracia brasileira está em crise já não causa qualquer espanto. Junto à crise política que o país atravessa, vimos levantar e se intensificar nos últimos anos outro fator fundamental para entender o mal-estar social brasileiro: a crise econômica. As “altas taxas de desemprego e aumento da vulnerabilidade e precariedade para amplas camadas populacionais são fatores que potencializam o desgaste no tecido social”¹⁴. Não estamos imersos e rodeados num

¹¹Pierre Dardot e Christian Laval (2019)

¹²Luciano Bedin Costa e Alberto Amaral (2017)

¹³Esther Solano (2018)

¹⁴Ibidem

estado generalizado de crises por mero acaso. Segundo Dardot e Laval a crise tem sido produzida, criada e alimentada pelo próprio neoliberalismo como condição primordial para sua manutenção

O que caracteriza este modo de governo é que se alimenta e se radicaliza por meio de suas próprias crises. O neoliberalismo só se sustenta e se reforça porque governa mediante a crise. Com efeito, desde os anos 1970, o neoliberalismo se nutre das crises econômicas e sociais que gera. Sua resposta é invariável: em vez de questionar a lógica que as provocou, é preciso levar ainda mais longe essa mesma lógica e procurar reforçá-la indefinidamente¹⁵.

Se há incompatibilidade entre o sistema ultraliberal e o projeto de democracia, enquanto construção de um futuro político coletivo, poderíamos dizer também que há incompatibilidade entre a racionalidade neoliberal e os princípios e diretrizes que orientam o sistema único de saúde brasileiro. Como falar sobre universalidade, equidade e integralidade da assistência em saúde em meio ao atrofiamiento democrático e ao estado generalizado de crise que a esfera pública brasileira vivencia? Como se faz possível fomentar a participação e o protagonismo popular numa conjuntura cujos valores preponderantes são o hiperindividualismo, a competição, o desempenho, a meritocracia?

A onda ultraliberal e neoconservadora¹⁶ avança como uma massa de ar quente e seca, como uma tempestade de areia que adentra nossas vidas ressecando e esfacelando o tecido social coletivo. Nessa conjuntura, a escassez e a aridez emergem como figuras poderosas que incidem sobre o campo das políticas de saúde e impactam diretamente a produção de subjetividades. O sistema único de saúde brasileiro vem sendo alvo constante desses golpes cortantes de precarização e privatização. Diante do desmonte e da severidade de seu presente, usuários e trabalhadores atravessam uma impetuosa tempestade de areia e em meio às rajadas de vento procuram tatear algum refúgio para resistir diante do absurdo.

¹⁵Pierre Dardot e Christian Laval (2019)

¹⁶Esther Solano (2018)

quais os efeitos da aridez sobre o corpo?

Mas afinal, como este cenário de desencantamento social e desmantelamento econômico é sentido no cotidiano de um coletivo de trabalhadores de um CAPSij? Como esse terreno rachado e árido desliza e se presentifica nas relações e processos diários de produção de saúde e cuidado? Como o corpo e a vida são atingidos? O que uma experiência singular pode conter e contar sobre o chão compartilhado?

É como residente de dois CAPSij - um deles situado no centro de Porto Alegre e outro no centro de São Leopoldo, região metropolitana da capital - que, pela primeira vez, experimento no corpo o contato com a complexa trama de serviços que compõem a rede de atenção psicossocial de dentro de um equipamento público voltado para o cuidado de crianças e adolescentes que apresentam sofrimento grave e persistente. Durante este período, uma imagem-sensação paradoxal me perseguia, assombrava. A paisagem e o horizonte de um lugar que é ao mesmo tempo movente e estático, vazio e repleto de histórias, que integra ruína e tecnologia, escassez e fartura, que mesmo árido é fértil e que ao ser acolhedor também produz espinhos.

Essa sensação tem me acompanhado, mais como mistério do que como simulacro. Por isso irrompe de forma difusa, incerta, sem contornos definidos. O objetivo aqui é abrir espaço para que estas camadas imprecisas e esquecidas possam emergir como “estranhas ressurgências do passado no presente”¹⁷. Sendo assim, o ato de lembrar não aparece como um fim em si, mas visa à transformação do presente e à abertura para outras formas de perceber os fluxos e as forças que envolvem a produção de cuidado e saúde em CAPSij.

Aqui nesse momento do ensaio partilharei algumas das dobras e marcas provocadas por estas afecções sobre meu corpo. Nesse sentido, não serão apresentadas respostas, sínteses ou análises, mas antes alguns rastros, pegadas

¹⁷Jeanne Gagnebin (2006, p 55)

tácitas e efêmeras, como aquelas deixadas sobre as áridas e, por vezes, movediças areias que constituem os sertões do cuidado nesse lugar complexo e paradoxal que são os serviços públicos da rede de atenção psicossocial brasileira.

a última gota

Atravessamos um deserto. E cá entre nós, há um clima geral de esgotamento e exaustão típico dessa experiência. Seja pelos impactos aniquiladores das tempestades de areias, provocadas sistematicamente pelo neoliberalismo autoritário, ou pela coleção de catástrofes que marcam a severa aridez do ano de 2020, os corpos gritam que não aguentam mais. Embora essa sensação de exaustão aparente ser uma chaga específica de nossos tempos modernos, no momento em que descobrimos que não aguentamos mais, descobrimos, também, que esta é uma sensação que carregamos “desde sempre e para sempre”¹⁸.

Em meio ao inenarrável ano de 2020 tenho a tarefa de tecer uma escrita que fale sobre a vivência como residente. No entanto, me encontro imersa nessa atmosfera absurda de impedimentos, distâncias, frustrações, esfacelamento da esfera pública, negacionismo, precarização, ataques vindos de todos os lados, emergência e consolidação de um estado suicidário¹⁹. Desde o início desta travessia até o agora dessa escrita, me entreguei inteiramente à experiência ética-estética-política de construir um percurso potente em seus encontros e desvios. Hoje, sinto sede de vida e fome de sonho. E hora ou outra quando olho para o que vivi, “me parece que fui deixando meus corpos pelo caminho”²⁰.

Na busca por dar forma a esse rastro falante através da escrita, percebo que é, justamente, a sensação de uma vida que se percebe exaurida o meu ponto de partida. Pelos olhos devoradores de Chronos o período de dois anos pode parecer breve para discorrer sobre a exaustão de um dia a dia. Mas aqui me proponho a

¹⁸Lapoujade (2002)

¹⁹Vladimir Safatle (2020)

²⁰Clarice Lispector (1998, p. 33)

falar especialmente de um outro tempo, daquele que se mostra denso, intenso, que embaralha os ponteiros ligeiros dos relógios e não se importa com durações estabelecidas. Procuro enunciar a experiência de uma temporalidade vigorosa, que atravessa épocas e confunde convenções. Intento convocar Kairós, adentrar as camadas inapreensíveis dos acontecimentos, fazer essa mistura de múltiplos tempos, trazer para o texto o que marcou, aqueles instantes que a memória de alguma forma amou²¹.

Sendo assim o foco deste ensaio não se resume à narrativa de fatos ou situações ocorridas ao longo dos últimos dois anos, mas busca fazer emergir sensações e testemunhos do cotidiano exaurido no corpo. Ora, essa proposta se conecta ao que Merhy²² considera como importante aposta para invenção das múltiplas maneiras de ser antimanicomial. Ou seja, a construção de “escutas” do fazer cotidiano em CAPS que permitam captar os ruídos gerados pelo cruzamento de distintas e importantes intencionalidades próprias de um trabalho de altíssima complexidade.

Será sempre uma aposta, em boa medida, experimental, construir novos modos tecnológicos e sociais que permitam o nascer, em terreno não fértil da subjetividade aprisionada da loucura excluída e interdita, de novas possibilidades desejantes protegidas em redes sociais inclusivas.²³

Se há dezesseis anos atrás Merhy situava os CAPS e seus trabalhadores no olho do furacão antimanicomial, o que poderíamos dizer sobre a aridez que hoje se alastra sobre o terreno das redes psicossociais? As reflexões trazidas pelo autor manifestam muito do que experimentei na atmosfera sedenta deste exigente cotidiano de trabalho. Com poucos recursos e quase nenhum amparo, em ambos cenários testemunhei a prática diária de coletivos de mulheres trabalhadoras que

²¹Adélia Prado (2003, p 101) - “O que a memória ama fica eterno. Te amo com a memória, imperecível.”

²²Emerson Elias Merhy (2004)

²³Ibidem (p.5)

com uma enorme frequência percebem-se em vias de uma combustão²⁴ total de sua energia vital.

O cotidiano de um lugar que se propõe a desenvolver ações de cuidado a partir de uma lógica antimanicolonial²⁵, é fortemente marcado por um fazer aberto e experimental. A imprevisibilidade é uma tônica do trabalho em saúde, que exige boa dose de inventividade e flexibilidade para composição de suas caixas de ferramentas em ato. No entanto, a construção de um trabalho que seja “portador da capacidade de vivificar modos de existência interditados”²⁶ que permita que a vida possa se expandir, que produza alívios e ganhos de autonomia é, sem dúvidas, uma aposta um tanto alta.

Principalmente em um momento em que sentimos a massiva presença da morte. No qual enfrentamos políticas de estado ancoradas em narrativas deliberadamente destrutivas e genocidas. Que, apesar de serem atribuídas especialmente ao atual desgoverno, se sustentam em uma racionalidade colonial enraizada desde as fundações do país. E é sobre estas raízes mortíferas que são produzidos o que Mbembe²⁷ nomeia como “mundos de morte”, marcados pela desumanização, violência, encarceramento e aguda desigualdade. No contrafluxo do fazer morrer, da produção de desterro pela modernidade colonial, encontram-se os CAPS e sua (im)possível tarefa de fazer viver.²⁸

Ocupando esse lugar de produtoras de alívios, novas possibilidades e sentidos para vida, as trabalhadoras invariavelmente consomem a sua própria vitalidade e com isso precisam produzi-la de forma incessante para não exaurir completamente. Mas como gerar alívio para si mesmas, diante da intensidade e complexidade que envolve os sofrimentos das famílias que não param de chegar?

²⁴Merhy cria uma derivação do termo “*burn out*”, utilizado no campo da saúde do trabalhador para se referir a processos de trabalho altamente exploradores e alienadores.

²⁵Bárbara dos Santos Gomes (2018)

²⁶Emerson Elias Merhy (2004)

²⁷Achille Mbembe (2018)

²⁸A produção de vida e saúde em um CAPS é atravessada pela discussão proposta por Foucault (1999), sobre a transição de um poder soberano (deixar viver, fazer morrer) para o biopoder (fazer viver, deixar morrer).

que trazem consigo as mais diversas histórias marcadas por condições que desnudam a precariedade da vida? Como não exaurir até a última gota em meio a estas zonas desérticas? Como não esgotar-se por inteira?

“O que vive choca, tem dentes, arestas, é espesso”²⁹. E é essa espessura complexa da vida coletiva, do tecido social e seus fios puxados, que faz com que o trabalho em CAPS, voltado para a produção constante e ininterrupta de vida e cuidado, seja percebido muitas vezes como um cotidiano árduo, e cheio de fardos. Além desse “cotidiano fortemente habitado por intensas demandas de cuidado, com usuários muito múltiplos e, facilmente, em estados de crise”³⁰, as trabalhadoras frequentemente experimentam “sensações tensas e polares como as de potência e impotência” que geram situações muito paradoxais.

Por um lado, se sentem cansadas, exaustas, e relatam com raiva e tristeza sobre a impossibilidade de manter uma postura receptiva e disponível para acolher o tempo todo. Quando conseguem, falam com pesar sobre a falta de forças que sentem diante das crises, seja dos usuários ou do próprio aparato político de garantia de direitos e condições mínimas para produção do cuidado. Por outro lado, as trabalhadoras se cobram exatamente o oposto, um corpo eficiente, apto, atento, com prontidão para responder e escutar sempre que solicitado e que tenha a capacidade de olhar para a potência das crises e encará-las como oportunidades.

Assim como ressalta Merhy, é fundamental que possamos nos abrir para escutar essas manifestações tão sofridas e dúbias, que envolvem os multiversos constituintes dos CAPS. E para isso é necessário que nos desafieemos a olhar para essas situações como lugares de polaridades não excludentes, mas sim constitutivas do que o autor chama de olho do furacão, e neste trabalho vem sendo desenhado como um terreno árido e movediço no qual os CAPS, seus usuários e trabalhadoras se encontram.

²⁹João Cabral de Melo Neto (2007)

³⁰Emerson Elias Merhy (2004 p, 8)

A partir de agora nos dedicaremos a adentrar ainda mais essas camadas paradoxais que envolvem o cotidiano dos CAPS, com objetivo de extrair sentidos que possam auxiliar a produção destes espaços como antimanicômios. Para isso, serão ofertadas através do texto algumas imagens que visam provocar torções sobre mundos já constituídos. A proposta envolve colocar alguns dos contrastes e contradições em conversação com autoras e autores encontrados ao longo desse percurso de dois anos como residente, e que de alguma forma me ofereceram amparo para ficcionalizar³¹ o vivido.

³¹Conceição Evaristo (2015) - “(...) as mulheres das classes subalternas já tinham atitudes e estratégias de enfrentamento diante da dureza do cotidiano. Histórias, ficções criadas por elas funcionavam como discursos de resistência e mais do que isso, como suporte, amparo emocional diante do sofrimento. Formas ficcionais que buscam resistência, podem ficcionalizar o cotidiano, sobrepujando a dor.”

segundo devaneio
corpo espinhoso

Quando se sente secar no corpo as últimas gotas de água viva, é chegada a hora de se transformar. As condições do terreno já não são as mesmas de outrora. A cada dia, semana ou mês, a pele fica mais rachada, o folêgo mais escasso e os pés mais cansados. Não é possível seguir sendo o mesmo, fazendo e agindo de forma conhecida. É preciso inventar um outro corpo, fazer nascer uma corporeidade que, de alguma forma, seja capaz de resistir às intempéries do terreno e que consiga criar alguma reserva de vida.

Deleuze³² nos diz que o corpo jamais se encontra plenamente no momento presente, mas contém em si os germens do “antes e o depois, o cansaço, a espera”. Não à toa o cansaço aparece, nas palavras do autor, ao lado da espera, que, neste ano, se tornou tão imperativa sobre a vida. Esperávamos que a pandemia não nos atingiria, quando atingiu, esperávamos que logo se resolveria. Sentindo o gosto amargo da frustração por um momento indefinidamente conjugado no futuro do pretérito, fizemos espera. Hoje esperamos pela vacina, até lá seguimos na espera(nça) por alguma saída para retomar a vida como era conhecida.

Às vezes me ocorre que estamos presos em um vórtex de espera e cansaço. Como se estivéssemos cansados de (des)esperar, mas, ao mesmo tempo, seguíssimos esperando porque nos sentimos cansados demais para agir. Não sei se faz algum sentido, mas talvez o que eu esteja querendo dizer se relacione ao que Guimarães chama de um “cansaço de esperança”³³, pois afinal de contas o “sertão é uma espera enorme” e a travessia sempre guarda curvas demoras.

Tem diversas invenções de medo, eu sei, o senhor sabe. Pior de todas é essa! que tonteia primeiro, depois esvazia. Medo que já principia com um grande cansaço. Em minhas fontes, cocei o aviso de que um suor meu se esfriava. Medo do que pode haver sempre e ainda não há. O senhor me entende! costas do mundo.³⁴

³²Deleuze (2005, p. 227)

³³Guimarães Rosa (2006, p. 574) - “E tudo me deu um enjoo. Tinha medo não. Tinha era cansaço de esperança.”

³⁴Ibidem, p. 152

Mas para além do mundo e suas costas cansadas, há algo que insiste em se mostrar como improrrogável? O que impõe urgência à vida? O que não pode ser adiado? Por essas “veredas do desassossego” Tania Galli Fonseca³⁵ nos convoca a pensar “sobre o que pode o corpo diante do destino que não pode esperar”. Através de conversações com Deleuze e Lapoujade, a autora nos convida a refletir sobre as diferenças entre um corpo cansado e um corpo esgotado. Enquanto o cansado é aquele que não pode mais realizar, o esgotado é aquele que não pode mais possibilitar.

Neste mesmo texto, Tania Galli Fonseca nos lembra de um aspecto imprescindível sobre a relação que constituímos com a corporeidade. A autora afirma que o próprio pensamento possui uma dimensão encarnada, pois “começa com e no corpo, através de sensações”. Ela situa o corpo como a base, a “terra” sobre a qual formamos nossas percepções. Mas o que acontece quando esse corpo que é terreno da vida se sente secar? Quando “cansado não aguenta mais estar exposto à exterioridade que o golpeia incessantemente”³⁶?

Em meio as tempestades de areia e sentindo recair sobre a cabeça e os ombros a tirania solar típica do deserto, que confunde a visão e não oferece guarida, o cansaço sentido no corpo das trabalhadoras dos CAPSij assume condição de sofrimento. Lapoujade diz que o sofrimento, no entanto, não é um estado particular do corpo, mas sua condição primeira. Isso porque, para o autor, sofrer advém justamente desse lugar de exposição contínua ao fora. Dessa experiência corporificada de sentir-se afetado pelos encontros com outros corpos, outras terras, outras palavras, gestos, cheiros, sons. Se essa exposição ao fora é, em alguma medida, insuportável, o corpo ouvidor de histórias das trabalhadoras de um CAPSij “deve primeiro suportar o insuportável, viver o inviável”³⁷.

³⁵Tania Galli Fonseca (2017, p. 21)

³⁶Ibidem (p. 24)

³⁷Lapoujade (2002, p. 7)

Diante do impossível, do cansaço e do abandono vivenciados no cotidiano de trabalho, a criação de uma nova forma de se colocar para os encontros se torna imprescindível. Aqui gostaria de apontar dois caminhos, dois devires que senti atravessarem meu corpo e os corpos de algumas trabalhadoras com as quais pude compartilhar de modo mais próximo ao longo desses dois últimos anos. A oferta dessas imagens tem como objetivo a partilha do sensível que a experiência como residente me proporcionou. Não são caminhos opostos, nem devires excludentes, mas complementares, experimentados em forma de mistura, como se coexistissem. É importante que sejam assim sentidos, pois são os movimentos entre eles que oferecem ao corpo o respiro, o fôlego, a fluidez que necessita para seguir inventando im(possíveis).

A primeira imagem/miragem que quero propor como devaneio é a de um corpo que em meio a seca precisa fechar-se para se proteger. Um movimento adaptativo de retirada e ou imobilização. O corpo sente como se não pudesse mais suportar certas exposições, encontros, acolhidas, escutas, atendimentos, espaços coletivos, atenção às crises, pois se sente exaurido. Não consegue mais produzir vida, alívio ou autonomia, pois se sente sugado, sobrecarregado e tudo que percebe é seu próprio sofrimento. Na tentativa de resguardar alguma dose de saúde e vivacidade, esse corpo vai, aos poucos, e muitas vezes sem se dar conta, produzindo defesas pontiagudas.

Essas estruturas rígidas que nascem na pele rachada são como espinhos, e tem como funções proteger e evitar a perda de água-vida. São modificações que surgem com propósito de defesa, mas se cristalizadas no corpo correm o risco de gerar distância e enclausuramento. O corpo espinhoso evita o contato com o outro, evita os encontros, se torna incapaz de ser receptivo, acolhedor e por vezes se protege tanto que acaba gerando em si uma camada de insensibilidade. Adentra uma dimensão defensiva da vida que faz prevalecer forças passivas de conservação

em detrimento das forças ativas de criação. Com isso se afasta daquilo que pode e da sua vontade de potência.

Ensimesmado, o corpo espinhoso gera distância e silenciamento, toma para si e individualiza o seu processo de sofrimento. A cada dia se sente mais sozinho e impotente. Em *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chul Han afirma que “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando”³⁸. Um cansaço que Handke³⁹ chama de “cansaço dividido em dois”: “cada um em seu cansaço extremado, não nosso, mas o meu aqui e o teu lá”. Nesse exílio do eu o corpo vai se esgotando justamente por não conseguir partilhar sobre o que sente. E a cada palavra não dita, a cada estafa calada, um espinho brota sobre a pele cansada.

³⁸Byung-Chul Han (2015)

³⁹Handke *apud* Byung-Chul Han (2015, p.38)

Ao acordar ofegante de sonhos inquietos você pressentia que fosse apenas mais uma daquelas manhãs de quinta. Mal sabia que algo assustadoramente enigmático aconteceria. A tradicional disputa contra o despertador, na tentativa falida de adiar a saída, já fazia parte da sua rotina. Você sempre deixava a casa com fome, pois os minutos a mais na cama roubavam o tempo da primeira refeição do dia. Quase uma hora de transporte coletivo até chegar ao seu destino. No caminho, entre notícias sobre a repugnante reunião ministerial⁴⁰ do dia anterior, você lia as mensagens que começavam a chegar no grupo de whatsapp da equipe. Uma das colegas avisava que não iria trabalhar devido a uma forte crise de enxaqueca. Precisava de alguém que a substituísse em duas atividades: na condução do grupo de crianças de 6 a 11 anos marcado para às dez da manhã e no grupo de cuidadores do turno da tarde. Você repassa mentalmente sua agenda e só de se imaginar respondendo positivamente a esse pedido, sente uma vertigem. Ignora a mensagem e diz para si mesma que é melhor esperar até encontrar com a equipe que estará presente ao longo da quinta. No resto do trajeto, enjoo e suor frio lhe fazem companhia. Antes de entrar no serviço, você respira fundo. Procura nos pulmões algum fôlego para encarar os desafios à espreita de mais um dia. São 8h15 da manhã. Na recepção, você saúda uma de suas colegas e uma família que, ao que tudo indica, desde já aguarda para ser acolhida. Em direção a cozinha (parada obrigatória para guardar a marmita)

⁴⁰reunião do dia 22/04/2020 convocada pelo ministro Braga Netto (Casa Civil) para discutir o programa Pró-Brasil, de recuperação da economia pós-coronavírus, o encontro acabou abordando diversos outros assuntos em meio a palavrões, ameaças e ataques a membros do Supremo Tribunal Federal (STF) e a governadores.

encontra Celeste, profissional terceirizada que não recebe seu pagamento há dois meses e não tira férias há três anos. Ela pergunta se você viu as últimas mensagens enviadas no grupo da equipe. Enquanto você procura o celular na bolsa, Celeste conta que o CAPS foi invadido, mais uma vez, durante a noite. Nos quatro meses que se passaram desde o início do ano, já é a terceira vez que o serviço sofre um furto noturno. Da última vez, levaram a televisão, um dos monitores de computador e o videogame (doação de uma das trabalhadoras). Nessa noite, levaram a caixa de som e reviraram a sala da equipe. Você engole seco, Celeste lhe alcança um copo de água. Mas o que verte no corpo é uma terrível sensação de desamparo. O dia mal começou e já mostra ao que veio. Num súbito, você sente a presença e o ardor do pesadelo. Subindo as escadas em direção à sala da equipe, você duvida de sua força para suportar a iminência de outro incêndio. Na sala, uma de suas colegas recolhe os prontuários e materiais espalhados pelo chão e sobre a mesa. Vocês não trocam mais que três ou quatro palavras. Uma atmosfera de resignação as envolve e assola. Aos poucos, o resto da equipe vai chegando e as perguntas simultaneamente vão se colocando: Quem estará no acolhimento? Já tem duas famílias aguardando. Quem poderá cobrir a colega que está de atestado no grupo de crianças? E no de cuidadores? Quem é a profissional de referência para os casos em atendimento intensivo? Tem uma criança e uma adolescente previstas para passar o dia. Quem fará os encaminhamentos necessários com a guarda e a polícia civil sobre a invasão? Precisamos do boletim de ocorrência! O telefone toca. Você sente uma forte pressão

na cabeça que se alastra por toda coluna. São quase 9h da manhã. A recepção informa que um oficial de justiça, acompanhando um adolescente acaba de chegar e aguarda ser atendido junto com as outras duas famílias. Você procura respirar e se distrair do incômodo que sente espalhar-se pelo corpo todo. Não consegue se colocar disponível para atender alguma das demandas imprevistas. Com a camada de culpa e impotência que se deposita sobre os ombros, a pressão na cabeça se transforma em algo doloroso. Além dos seus atendimentos individuais, às quintas feiras, você se programa para realizar registros escritos, organizar pendências de seus casos de referência, fazer contatos com a rede externa e planejar atividades coletivas. Mas geralmente passa o dia apagando fogo. No entanto, hoje você sente que há algo diferente. O telefone toca novamente. Num impulso você atende. Uma adolescente acompanhada pelo serviço está saindo da internação e precisa ser recebida no CAPS, com indicação de atendimento intensivo. Assim que você desliga o telefone sente uma forte pressão seguida de dor na nuca. Sim, algo está errado. Envergonhada você se desloca para o banheiro. Lava o rosto e se olha no espelho. Vê sua imagem embaçada e percebe suas mãos tremendo. Respiração acelera, você entende que o medo está prestes a transformar-se em desespero. Chorando você se pergunta o que está acontecendo. Enquanto sente o suor frio escorrer pelas têmporas a pele ferve e nela começa uma intensa coceira. É então que você nota a significativa quantidade de bolhas que começam a cobrir seus braços. A maior delas, situada no dorso do antebraço direito, chama

atenção pela cor e pela dor. Você toca com a ponta do dedo e ela se rompe. De repente, uma ardência abrupta se espalha por toda extensão do corpo. É como se sua pele estivesse prestes a rasgar. Você sente: algo vai nascer. Com tamanha dor você perde o tônus das pernas e cai no chão. Leva as mãos no rosto e se entrega à maior agonia que já sentiu na vida. Imersa em um sofrimento imenso percebe que um delicado sopro de calma começa a tocar seu corpo. Magicamente, pouco a pouco todo anseio se dissipa. Você se sente mais forte e quase não acredita. O que foi isso que viveu durante os últimos instantes? Se pergunta há quanto tempo deixou a sala de equipe. Será que alguém percebeu seu sumiço? Levanta do chão, lava seu rosto em água fria e pensa que tudo não deve ter passado de uma crise de ansiedade repentina. ‘Foi um ataque de pânico!’ - você afirma para si mesma - ‘provocado pelo estresse da rotina’. Agora se sente surpreendentemente recuperada. Você olha para o espelho aliviada. Mas então percebe uma estranha erupção onde estava a bolha que se rompeu no braço. Aproxima a visão e encontra ali uma região rosada e inchada. Carne viva. Dentro dela você não consegue acreditar no que acaba de brotar de sua pele: um pontudo e afiado espinho acaba de nascer de suas entranhas sofridas .

Esse devaneio certamente não dá conta e muito menos pretende expressar as infinitas nuances que atravessam o intenso e exigente cotidiano vivenciado nos CAPSij. A proposição desse exercício ficcional, no entanto, se relaciona diretamente com a minha vivência enquanto residente e, dessa forma, encontra-se situada em tempo e terreno bastante específicos. As sensações compartilhadas através dessas palavras são algumas das marcas memórias carimbadas nesse corpo-passageiro de uma residente e evocadas como aposta para transformar e significar o vivido por meio da criação de um rastro ficcional escrito.

A imagem do corpo espinhoso, como analogia e território semiótico para reflexão sobre aspectos éticos, foi utilizada séculos atrás por Schopenhauer⁴¹ em sua fábula sobre uma sociedade de porcos espinhos. Neste texto, o autor ilustra o dilema da convivência humana através da dificuldade encontrada pelos porcos espinhos para aquecer-se durante um rigoroso inverno. Sozinhos e distantes morriam congelados pelo frio. Muito próximos evitavam a morte, mas feriam-se uns aos outros. Assim, precisaram experimentar as oscilações entre ambos os sofrimentos até encontrar uma distância média na qual pudessem resistir melhor.

Conjecturas sobre distanciamento e proximidade habitam grande parte das considerações sobre ética que conhecemos. De acordo com a discussão desenvolvida por Butler⁴², a partir de Lévinas, a receptividade - ou seja, a abertura necessária para experimentar essas diferentes distâncias - não é apenas uma pré-condição para a ação eticamente implicada, mas um dos seus aspectos constitutivos. Sobre esse processo de experimentação, marcado por encontros e desencontros com o outro, a corporeidade aparece, mais uma vez, ocupando um lugar de destaque.

Assim como Lapoujade, Butler também aborda o corpo a partir de sua condição de exposição ao fora e aos encontros. Afinal, é através da experiência corporal que, segundo a autora, nos colocamos “de maneiras que nos sustentam,

⁴¹Arthur Schopenhauer (1988)

⁴²Judith Butler (2018, p. 83)

mas também de maneiras que podem nos destruir”. Vínculo, escuta, acolhida se fazem com o corpo. Acontecem nesse território existencial imprevisível que guarda o sensível, o afeto e o sonho. São tecnologias relacionais extremamente complexas que exigem presença, disponibilidade, delicadeza e abertura. Por isso, a construção coletiva de uma ética do cuidado se torna indispensável para que ações como essas não provoquem nas trabalhadoras combustão total e segura.

A condição de abertura radical do corpo, que se mostra- exposto ao mundo, se aproxima da discussão proposta por Larrosa⁴³ sobre a experiência e o sujeito da experiência. Para o autor o sujeito da experiência é como um território de passagem, uma superfície sensível que dá espaço para que o acontecimento produza marcas, deixe seus vestígios. Nesse sentido, para que haja experiência é preciso que o risco de ser afetado e transformado pelo encontro seja assumido.

Não é possível controlar a experiência ou o perigo que envolve essa mistura com o outro, com um mundo desconhecido. E se por um lado a experiência encarnada coloca o ser humano numa condição de risco, no sentido de estar aberto para ser afetado pelo outro, é também o corpo em sua vulnerabilidade que nos torna capazes de gerar afetações. Sobre esta complexa e paradoxal camada da existência, já escrevia Octavia Butler, lançando suas palavras-sementes de transformação

*Tudo que você toca
você muda.
Tudo que você muda
muda você.
A única verdade perene
é a mudança.⁴⁴*

Nesse momento, marcado por tantos distanciamentos, em que tocar e ser tocado parece estar cada vez mais raro, como temos entrado em contato? Como temos nos afetado e conseqüentemente nos transformado? E aqui não me refiro

⁴³Jorge Larrosa (2002)

⁴⁴Octavia Butler (2018, p. 102)

apenas ao toque físico, mas sobretudo, ao se sentir atravessado pelos acontecimentos. Para Larrosa, o sujeito da experiência é justamente esse ser exposto e aberto ao encontro com o outro, e “portanto, aberto à sua própria transformação”⁴⁵.

Mas de tanto abrir-se para o outro, de tanto viver imprevisíveis encontros, de tanto escutar os mais sofridos desencantos, o corpo que recebe a tarefa incessante de acolher e produzir alívio se percebe arrebatado pela experiência do cuidar. Ao contrário do que se pode supor num primeiro momento, o sujeito da experiência não é alguém plenamente firme, forte, incansável, definido por seu saber-poder, pelo contrário, é gente feita de carne e osso, é alguém que sofre, sente medo, dor, insegurança, que fraqueja, erra, cansa.

E aqui chegamos num ponto primordial dessa travessia escrita. O corpo espinhoso que se transforma a partir do encontro com o sofrimento - seu e do outro - contém em si a potência da experiência. E por isso pode ser capaz de produzir efeitos transforma-dores. Até aqui o devaneio do corpo espinhoso nos mostrou que, diante de um deserto, não há como estar aberto a tudo o tempo inteiro e que se fechar é muitas vezes um importante caminho para voltar a se abrir. Para isso, a pele espinhosa, resultado de um contexto árido e por vezes sufocante, precisa adquirir sentido de resistência, de partilha e não de desistência e distanciamento.

Esse corpo que se metamorfoseia em cacto para resistir diante da aridez que o cerca possui uma potência luminosa de brotar saberes que nascem da sua própria experiência. Mas como transformar o cansaço em conexão? A segunda imagem-miragem, a qual nos deteremos a partir de agora, envolve justamente o processo de atribuir sentidos coletivos aos acontecimentos que atravessam o cotidiano desses espaços de cuidado. Se a experiência é o que liga o conhecimento e a vida, ao longo do próximo devaneio seguiremos acompanhando esse corpo cacto que torce o vivido e o transforma em palavra e partilha.

⁴⁵Jorge Larrosa (2002, p. 26)

terceiro devaneio
corpo caravana

não se atravessa um deserto sozinha

Sob o sol implacável que as cabeças castiga, tudo em volta está deserto⁴⁶ e pelo calor definha. Mas enquanto a secura e a aridez avançam sobre a vida, você solitariamente retém toda umidade que na terra ainda habita. Condenado ao fora do mundo, seu corpo espinhoso, aos poucos, percebe que há uma fina e movediça fronteira entre sua condição de exposição ao encontro e sua potência para conexão com aquela que se aproxima. Esta, sua semelhante, também tem na pele as marcas pontiagudas de uma sofrida e solitária travessia. O que conta os olhos desse corpo - que é outro - faz coro, espanta e ensina. Mostra caminhos por entre as dunas, antes desconhecidas. Entende por dentro os segredos e os encantos dos retirantes e das peregrinas. Por um instante você esquece o cansaço, o medo e a ferida aberta pela dureza da vida. Há algo, além do sol, que brilha. E dessa vez não queima. Pelo contrário, cria elo, enlaça e fertiliza. As condições do terreno e o clima seguem secando a pele e as papilas. Mas algo em você se transforma e vibra. Você não sabe ao certo o que é ainda. Mas imagina que tenha algo a ver com esse encontro e sua preciosa partilha. Não consegue lembrar quando foi a última vez que sentiu pulsar tamanha acolhida. Lado a lado decidem seguir juntas pela árida e sinuosa travessia. E a cada passo acompanhado, a cada palavra dita ou a cada silêncio pela presença preenchido você sente que algo delicado e poderoso germina.

⁴⁶Gal Costa (1971) - Álbum: Fa Tal - Gal a Todo Vapor, Faixa - Como dois e dois: "Meu amor, tudo em volta está deserto, tudo certo, tudo certo como dois e dois são cinco (...)"

Se o corpo espinhoso toma para si, individualiza seus processos e não consegue colocar palavras em seu cansaço, o corpo caravana, pelo contrário, torce o vivido. Assume o paradoxo, partilha sobre seu esgotamento, fala sobre suas duras vivências, e, assim, não está mais só com seus espinhos. Reconhece que a produção de (auto)defesas é um enigma que precisa justamente do outro e do encontro para ser dissolvido. Transforma sofrimento e silêncio em experiência e linguagem e com isso se diferencia, imagina, cria formas alternativas de perceber e transformar a vida em ainda mais vida.

O corpo caravana nada mais é do que o corpo espinhoso que finalmente percebe que silêncios não protegem, mas afogam a alegria e a coragem de compartilhar e reinventar a travessia. E se esse movimento, que cria zonas de partilha, desafia e provoca frio na barriga é “porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso sempre parece estar cheio de perigos”⁴⁷. Para essa outra corporeidade, que se abre e se arrisca, o outro deixa de ser ameaça e torna-se cúmplice de uma aventura coletiva.

Nesse sentido, a potência do devir corpo caravana não está na sua força, mas justamente em sua fragilidade assumida, que passa a ser reconhecida como fonte de conexão com a vida. Afinal “ser forte não é rigidez, aquebrantável; tem alguma coisa, na fragilidade, para se aprender”⁴⁸. O corpo espinhoso se transforma em caravana quando passa a dar sentidos mais coletivos ao que o afeta e o atravessa, quando passa a aprender com o outro e com isso faz germinar dessa relação um cansaço corajoso.

Se o espinho nasce de um cansaço solitário, calado e dividido, a caravana “contrapõe um cansaço falaz, vidente, reconciliador”⁴⁹. Para Byung-Chul Han o *cansaço-eu*, que caracteriza o devir espinho de uma sociedade do desempenho, produz a destruição da comunidade, daquilo que é comum, é um “cansaço sem

⁴⁷Audre Lorde (2020, p. 53)

⁴⁸Tatiana Nascimento (2017, p. 4)

⁴⁹Byung-Chul Han (2015, p. 38)

mundo, destruidor de mundo”. Com isso faz murchar qualquer proximidade, qualquer troca genuína, inclusive a própria linguagem. Por outro lado, o corpo caravana experimenta um cansaço diferente, que brota de um espaço que é o entre. “É um cansaço que confia no mundo” que abre o eu e o torna permeável para o mundo.

Além disso, é um “cansaço que possibilita um demorar-se uma estadia”. O corpo caravana não está totalmente esgotado ou impossibilitado, mas decide parar. É um corpo que não suporta mais a forma restrita e solitária como sua prática vinha sendo desenhada. Diante da necessidade de reinventar seu fazer, o corpo caravana descobre na experiência do não fazer um caminho profícuo para criação de novos arranjos organizacionais, novas maneiras de realizar a gestão do cuidado. Uma equipe que experimenta o devir caravana, passa a apostar nas pausas como momentos fundamentais para o encontro, para a partilha e principalmente para construção coletiva de seus processos vivos de trabalho. O corpo caravana é aquele que finalmente compreende a potência negativa⁵⁰ de seu não-fazer. Segundo Larrosa, para que algo nos aconteça precisamos

parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço⁵¹

Somos diversas vezes separados daquilo que podemos, de nossa potência, mas raramente nos dedicamos a pensar sobre como somos separados também daquilo que podemos não fazer. Essa torção do pensamento é proposta por Agamben em seu breve e impetuoso ensaio intitulado Sobre o que podemos não

⁵⁰Ibidem

⁵¹Larrosa (2002, p. 24)

fazer. Nele o autor propõe, através da Metafísica de Aristóteles, que a impotência não significa o mesmo que ausência de potência, ou seja, um não poder fazer/ser, mas envolve também a capacidade de poder não fazer.

E é justamente essa ambivalência na “potência de ser e de não ser” que marca a experiência humana e a difere da de outros entes e seres vivos. Agamben coloca que ao contrário do “fogo que só pode queimar” o ser humano “pode a sua própria impotência”. Para o autor é sobre essa camada mais profunda e menos visível que atualmente age o “poder que se define ironicamente como democrático”⁵². E através dessa reflexão trazida por Agamben podemos levantar outra diferença entre os modos de fazer e sentir do devir corpo espinhoso e do devir corpo caravana.

Enquanto o espinho nasce de um clima seco de desencantamento, hiperatividade e autoexploração que cobra por uma produção ininterrupta e capturante do fazer, o corpo que se faz caravana é aquele que começa a perceber a potência que existe em seu não fazer. É aquele que considera a parada um precioso componente da estrada. Que não se interessa apenas pela linha de chegada, mas aproveita o movimento, o caminhar, suas curvas e encruzilhadas. Olha para os desvios do cotidiano como surpresas do destino.

Para isso o corpo caravana precisa evocar flexibilidade, sensibilidade, autenticidade, espontaneidade, improviso. Precisa provocar um giro inventivo por dentro das rachaduras desse terreno ressequido. E aqui, finalmente chegamos naquele que talvez seja o último ponto crucial deste percurso ensaiado: o que brota, então, do corpo que se torna caravana? o que nasce dessa pele áspera que, a-pesar-de-tudo-, faz parada no outro, se demora no encontro e que mesmo carregando seus espinhos segue com-fiando outros mundos?

⁵²Giorgio Agamben (2009, p. 57-59)

exercícios de fertilização

Nesse momento do texto, o leitor será provocado a ultrapassar as bordas áridas da realidade que nos assola para seguir em direção a uma forma de resistência que se pretende mais fluida e inventiva. Ou seja, um jeito de resistir que se faz menos combativo e mais propositivo, que produz porosidade, é flexível, que penetra nas rachaduras do real e como água se espalha, multiplica, fertiliza. Toma emprestada a potência co-movedora das águas e vai fundo. Corre por entre as fendas do chão quebrado, se torna correnteza e nascente de outros futuros.

Com esse movimento brincante de faz-de-conta a ideia é gerar algum alívio-respiro. Mas não só isso, a imaginação não é considerada aqui um mero meio de escapismo, pelo contrário, é compreendida como uma aliada imprescindível para construção de linhas de fuga que possibilitem a redistribuição dos (im)possíveis e a criação de outros espaços-tempos, de arranjos ainda não vividos. É sobre despertar nossa capacidade de especular, reinventar aquilo que ainda não é mais pode vir a ser.

Em tempos de desastres, crises e colapsos que aprisionam nossos imaginários⁵³, o gesto coletivo e compartilhado de sonhar acordado tem se tornado cada vez mais revolucionário. Nesse sentido, a ficcionalização emerge como importante estratégia de resistência, pois através da construção de vias discursivas alternativas contribui para o desenvolvimento de contra-narrativas⁵⁴ “que fazem emergir imagens e estéticas diversas, mais politizadas e críticas a respeito do monopólio imagético das narrativas dominantes”.

Dentre as diversas e preciosas experiências de aprendizado que a travessia como residente me proporcionou, talvez a que mais tenha deixado rastros foi a de

⁵³Sobre a captura da capacidade de imaginar e a supressão dos nossos sonhos pela atual estrutura social da modernidade neoliberal, assistir Pumzi, curta metragem queniano de ficção científica disponível em: <https://vimeo.com/46891859>.

⁵⁴Segundo Luana Loria (2017), a contra-narrativa surge para desconstruir e descentralizar leituras hegemônicas e dominantes, oferecendo novos significados mais politizados e críticos sobre a realidade; apresenta-se como elemento de ruptura com os antigos discursos e como uma nova forma de interpretação teórica e prática.

que precisamos f(r)iccionar urgentemente os moldes do real para construir outras formas de cuidar e produzir vida. A ficção se mostrou como caminho potente para compartilhar e transformar os ruídos dos sofrimentos que circulam cotidianamente em um CAPSij. A fabricação de histórias, narrativas, sentidos vivos, diversos e coletivos para o trabalho em saúde aparece ao longo do meu percurso como um caminho profícuo para ocupação e fertilização das brechas que permitem a fratura do real.

Mas sobre qual ficção estou me referindo? A ficção dos filmes e livros? Também, mas principalmente a ficção como um processo que movimenta força de proposição. E nesse sentido, não se opõe ao real, mas o constitui e se manifesta como matéria-prima no fluxo de fabricação da realidade. A ficcionalização aparece aqui como projeto, como esboço a ser aplicado, ou até mesmo como uma planta que organiza a arquitetura necessária para realização de desejos, intenções e gestos de cuidado. Para Wittgenstein, as ficções não são produtos representativos de uma realidade fixa, mas possuem um caráter constitutivo do real.

Assim, ficção não se refere a realidade de maneira reprodutiva, como se fosse algo previamente dado, mas se refere a ela de maneira produtiva, isto é, estabelece-a. Por esse motivo, a ênfase colocada no discurso é dada pela importância reconhecida na retórica, instrumento pelo qual se articula a geração de discursos institucionais, os quais por sua vez, dão origem à construção de fatos e até de indivíduos.⁵⁵

De acordo com o autor, através do discurso, a ficcionalização origina acontecimentos, fatos, práticas, hábitos, modos de ser e viver. O pensamento que Jaques Rancière desenvolve em sua obra *A partilha do sensível* corrobora com esta perspectiva. O autor considera que os saberes, sejam científicos, políticos, artísticos, constroem ficções, ou seja, “rearranjos materiais das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer”⁵⁶. Nesse sentido, a ficção, como composição de símbolos e signos, como produção de imagens, pode evocar

⁵⁵Ludwig Wittgenstein (2004)

⁵⁶Jacques Rancière (2019, p. 59)

experiências que ainda não estão disponíveis na nossa realidade, que não são comuns na atualidade, mas que acionam uma atmosfera a ser construída.

Em suas produções teóricas e literárias, a escritora e artista⁵⁷ contemporânea Walidah Imarisha aproxima a luta por justiça social ao campo da ficção científica. Para ela toda articulação política é ficção científica na medida em que clama, nomeia, compõe, imagina, dá de ver um mundo que ainda não existe, mas que se for sonhado coletivamente pode vir a existir. Para isso, precisamos liberar nossa imaginação, nossa capacidade de propor, enunciar e moldar comunidades e coletivos visionários.

Através do termo ficção visionária, Imarisha nos convoca a sermos mais irrealistas em nossas proposições, porque, segundo ela, “é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo”⁵⁸. Sobre esse terreno de investigação e experimentação, as ficções visionárias se dedicam à construção de contra-narrativas que foquem nas vivências de pessoas marginalizadas pela sociedade em geral, especialmente as que vivem eixos de opressão interseccionais.

Imarisha mostra através da obra de Octavia Butler que quando as personagens protagonistas criadas pela autora, em geral mulheres ou pessoas gênero dissidentes racializadas, ocupam o centro da sociedade, comunidades visionárias emergem. Isso porque nessa narrativa visionária não são consideradas como vítimas, mas como líderes que através de suas habilidades “de viver fora de sistemas aceitáveis” passam a ser essenciais “para a criação de novos e justos mundos.”

Em seu texto *Reescrevendo o Futuro*, Imarisha parafraseia Arudhathi Roy quando diz que “outros mundos não apenas são possíveis, mas estão vindo - e já podemos ouvi-los respirar.” Encontrar com a obra de autoras como Imarisha e

⁵⁷Artivista: termo utilizado para designar alguém que utiliza estratégias estéticas para amplificar, sensibilizar e desenvolver ações políticas de protesto através da arte, provocando assim um cruzamento entre o ativismo político e a potência transformadora das linguagens artísticas.

⁵⁸Walidah Imarisha (2016)

Octavia Butler foi como um bálsamo para a pele ressecada pelos ventos cortantes das tempestades de areia que atravessamos. Esse encontro com uma perspectiva ficcional articulada à luta política por justiça social trouxe frescor e vigor para minha travessia como residente. Não apenas por oferecer terreno fértil para imaginação de outros (im)possíveis no cotidiano do trabalho vivo de um CAPSij, mas também por nutrir um corpo coletivo que se faz caravana.

O uso da ficção como estratégia para provocar e promover escutas dos fazeres e práticas que se pretendem antimanicomiais aparece como caminho potente. Isso porque o processo de criação ficcional permite olhar para a produção de cuidado colocando em evidência o caráter complexo das situações e relações vivenciadas. Em sua pesquisa sobre o uso da ficção na psicologia social, Luis Artur Costa constrói a imagem da ficção como guardiã do possível e do impossível. Segundo o autor

Com a ficção passamos da mera descrição do já visto para problematização do visível, a qual nos permitirá a multiplicação das relações possíveis com o mundo, já que não estamos mais no campo do dado, mas sim da criação, do devir e do virtual: para além dos preconceitos para com as invenções.⁵⁹

Seja para a atuação como residente ou para a escrita deste ensaio, a ficção, considerada como ação movente de afectos, experiências e sensações, como força propositiva e inventiva da realidade, foi fôlego para o corpo e fecundidade para a terra que o sustenta. Essa interface entre a ficcionalização e o campo da atenção psicossocial potencializou a produção de um corpo-território para problemáticas virtuais da experiência e que por sua complexidade, na maioria das vezes, escapam às palavras. O processo de ficcionalizar a vivência como residente fez da memória experiência escrita, fez brotar esse rastro falante de uma radical e transformadora travessia.

⁵⁹Luis Artur Costa (2014, p. 559)

a t r a v e r s a r

[e fazer brotar a flor da chuva]

ser residente

é fazer morada mesmo de passagem

é fazer parte estando de partida

é sentir na pele e nos pulmões

os efeitos de uma movediça travessia

que se faz ao colocar os pés no corpo do mundo
no terreno da prática, na ponta da rede
nos caminhos emaranhados
da vida coletiva.

A t r a v e r s a r é o ato de tornar verso uma travessia. Diz a lenda que uma das origens da palavra verso remete a ação de virar, de provocar dobra, deslocar-se em direção ao que não está logo ali na frente, ao que não se mostra visível ao olho, mas mesmo assim se faz presente. O termo verso tem conexão etimológica com *vertere* que em latim significa derramar, escorrer, transbordar, jorrar. Ao longo dos corpos textuais aqui apresentados busquei versar e fazer verter significantes, sensações, imagens, texturas, que de alguma forma pudessem contribuir para fecundar reflexões sensíveis acerca do cuidado em saúde mental coletiva a partir da minha experiência como residente em dois CAPSij.

Desde o início do meu percurso como residente no começo de 2019, acompanhei a emergência de uma conjuntura cada vez mais árida para as trilhas coletivas da vida. De lá para cá, colhemos os frutos amargos da catástrofe que elegeu o atual (des)governo do país. E como se não bastasse o projeto político ideológico de produção de morte que desde então passou a imperar, em 2020 fomos assolados mundialmente pela maior crise sanitária dos últimos cem anos. Foram dois anos de terras muito secas, de fortes e constantes tempestades de areias.

O cansaço e a exaustão, assim como o sofrimento, o silêncio e a solidão provocados por esse árido cenário, fizeram, muitas vezes, emergir na pele uma cobertura afiada de espinhos. Nos fizeram experimentar esse devir corpo defensivo, esquivo, rígido e evitativo. Que passa a se proteger dos encontros, dos afetos e do contato com os outros. Mas é justamente nesse colapso onde nos percebemos cercados por tanto medo e tanta morte que o paradoxo se mostra como caminho

alternativo. Se encontro é risco e exposição, é ao mesmo tempo partilha e propulsão para uma outra vida.

Quando o corpo espinhoso passa a perceber sua potência negativa e descobre que sua fragilidade partilhada em palavras se transfigura em força coletiva, começa a germinar algo além do espinho. Enfrentando inúmeras adversidades ao longo dessa travessia como residente de saúde mental coletiva, a cada dia aprendia que a única forma de seguir (re)xistindo é pela pertença e pela feitura de uma corporeidade coletiva. Afinal, para atravessar esse deserto desterro sobre o qual nos encontramos, precisamos nos tornar caravanas, um corpo amplo, profundo, que se faz território movente. Que enquanto caminha transforma seus passos em arado, revira a terra, abre o chão e semeia sementes de amparo.

Como discutido ao longo deste ensaio, a produção de vida e cuidado é um ato coletivo que envolve tecnologias relacionais de alta complexidade, pois captura trabalho vivo em ato. Para que seja possível a implantação de um modelo de atenção pautado na corresponsabilização no acolhimento e no vínculo, a valorização do trabalho, e consequentemente das trabalhadoras da saúde, é um fator imprescindível. E se esse mundo, no qual há investimento nas redes de atenção psicossocial, incentivo e financiamento para o sistema único de saúde, ainda não é a realidade que vivemos, precisamos nos segurar em nossos sonhos e não em nossos lamentos.

E esse é o movimento que faz o corpo caravana. Que através de suas aventuras lança palavras sementes de um mundo prenhe de futuro. Que como mandacaru resiste à seca. E mesmo que o sol a pino castigue ao longo do dia, à noite faz brotar em sonho, por dentro das brechas da pele espinhosa, a delicadeza de sua flor. Ela anuncia que aquilo que a terra-corpo precisa, virá na forma das águas que caem do céu de uma vida por vir.

Referências

Agamben, Giorgio. (2009). Sobre o que podemos não fazer. In: *Nudez*. Lisboa, Relógio D'Água.

Borges, Silier Andrade Cardoso. (2015). Territórios existenciais ético-estéticos em saúde coletiva. *Fractal, Rev. Psicol.*, 27(2), 107-113.

Butler, Judith. (2018). A vida precária e a ética da convivência. In: *Corpos em aliança e a política das ruas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Butler, Octavia. (2018). A parábola do Semeador. São Paulo, Morro Branco.

Costa, Luciano Bedin & Amaral, Alberto. (2017). Editorial - O Improrrogável: Exercícios de Tateio. *Polis e Psique*, 7(1), 1-5.

Costa, Luis Artur da. (2014). O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal, Rev. Psicol.*, 26, 552-576.

Dardot, Pierre. & Laval, Christian. (2019). "Anatomia do novo neoliberalismo" Revista IHU on-line. Tradução CEPAT – Centro de Promoção de Agentes de Transformação. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval>

Deleuze, Gilles. (2005). *Cinema 2: A imagem-tempo*. São Paulo, Brasiliense.

Deleuze, Gilles. (2010). O Esgotado. In: *Sobre o Teatro*. Rio de Janeiro, Zahar.

Evaristo, Conceição. (2015). "A questão dos gêneros nas artes" palestra proferida em 26 de setembro de 2015. Disponível no livro *Histórias de leves enganos e parencças* (2017). Rio de Janeiro, Malê.

Fonseca, Tania Galli. (2017). O destino não pode esperar: apontamentos sobre a inelutável improrrogabilidade. *Polis e Psique*, 7(1): 6 – 24.

Foucault, Michel. (1999). *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes.

Gagnebin, Jeanne Marie. (2006). *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo, Editora 34.

Gal Costa (1971) - Álbum: Fa Tal - Gal a Todo Vapor, Faixa - Como dois e dois.

Gomes, Bárbara dos Santos. (2018). Encontros antimanicoloniais nas trilhas desformativas. Trabalho de Conclusão de Residência. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/196363>

Han, Byung-Chul. (2015). Sociedade do Cansaço. Petrópolis, Vozes.

Imarisha, Walidah. (2016). Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. Tradução independente de Jota Mombaça. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut

Lapoujade, David. (2002). O corpo que não aguenta mais. In: D. Lins, & S. Gadelha (Orgs.), Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

Larrosa, Jorge. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 2-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>.

Lispector, Clarice. (1998). Água Viva. Rio de Janeiro, Editora Rocco.

Lorde, Audre. (2020). A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: Irmã Outsider. Belo Horizonte, Autêntica.

Loria, Luana. (2017). Manifestações artísticas como contra-narrativas: estudos de casos das periferias dos Rio de Janeiro e de Lisboa. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185391/PICH0180-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>

Mbembe, Achille. (2018). Necropolítica. São Paulo, n-1 Edições.

Merhy, Emerson Elias. (2004). Os CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial. Alegria e alívio como dispositivos analisadores. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/saude/merhy>.

Mombaça, Jota. (2016). Lauren Olamina e eu nos portões do fim do mundo. Oficina de Imaginação Política (OIP). Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/caderno_oip_6_digital.

Moretti, Bruno. (2018). “Efeitos da EC 95: uma perda bilionária para o SUS em 2019,” *Brasil Debate*. Disponível em: <https://brasildebate.com.br/efeitos-da-ec-95-uma-perda-bilionaria-para-o-sus-em-2019/>

- Nascimento, Tatiana. (2017). 1994. Brasília - DF, Padê Editorial.
- Neto, João Cabral de Melo. (2007). O Cão sem Plumas. São Paulo, Alfaguara.
- Nuala, Ariana. (2020). "Cartas para Marla," Outros Fins que não a Morte disponível em: <https://outrosfins.cerealmelodia.com/Ariana-Nuala>.
- Oliveira, David Eduardo de. (2007). Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba, Editora Gráfica Popular.
- Prado, Adélia. (2003). Bagagem. Rio de Janeiro, Record.
- Ranciére, Jacques. (2019). Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos da ficção. In: A partilha do sensível. São Paulo, Editora 34.
- Rosa, João Guimarães. (2006). Grande Sertão Veredas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Safatle, Vladimir. (2020). "Para além da Necropolítica", Racismo Ambiental disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/10/24/para-alem-da-necropolitica-por-vladimir-safatle/>
- Schopenhauer, Arthur (1988). Parerga und Paralipomena. Zurique: Haffmans,
- Solano, Esther. (2018). Crise da Democracia e extremismos de direita. Análise. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>.
- Wittgenstein, Ludwig. (2004). Investigações filosóficas. Petrópolis, Vozes.